

A HISTÓRIA DA *ILÍADA* E DA EDUCAÇÃO DO HOMEM

Carlos Florentino Silva*

Resumo

Este artigo tem por objetivo demonstrar a importância dos gregos na educação que deriva da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade, onde a educação não é propriedade individual, mas pertence à essência da comunidade. Esse caráter imprime-se em cada indivíduo, fonte de toda a ação e comportamento, estrutura onde a sociedade se mantém nas leis e nas normas escritas e não-escritas e une seus membros, pois o sentido do dever é, nos poemas homéricos, uma característica essencial, ou seja, a *Ilíada* é também um tratado de educação.

Palavras-chave: *Ilíada*. Guerra. Cultura. Ocidente. Grécia.

A *Ilíada* é uma obra fundamental, um marco da literatura européia. Poderíamos esperar que tal obra fosse fragmentária, tosca, mas o que observamos é que se trata de uma obra-prima. É como menciona Haroldo de Campos acerca da excelência homérica: “Homero não decai; a *Ilíada* não tem recheio. Oscila entre o pico de Agulhas Negras e o Himalaia” (HOMERO, 2002, p. 9), ou seja, é um poema de alta sofisticação.

Homero atingiu o que poucos poetas, no decorrer da história, alcançaram, pois, por meio da *Ilíada*, conseguiu transparecer as normas de cultura e de conduta de uma sociedade. Temos consciência da tradição oral que deu forma à *Ilíada*, pois era costume na Grécia, desde a pré-história,

* Graduado em História pelo Centro Universitário de Brasília-UniCEUB

preservar a memória dos grandes feitos e dos heróis, tradição que os poemas homéricos seguem, pois são produtos históricos, filhos de um tempo e de um lugar, além de transcender o histórico. Ultrapassam o tempo cronológico não apenas pela conversão do tempo passado no tempo presente, mas também porque se transformaram em experiência concreta, viva, da comunidade. Ou seja, a *Ilíada* transcende o período homérico, pois torna presente o passado que é digno de ser lembrado.

Não há dúvidas de que o autor da *Ilíada* é um dos maiores poetas do ocidente, no entanto, sobre a questão homérica, ou seja, quem foi Homero e o que escreveu ele da *Ilíada* e da *Odisséia*, pouco se pode dizer como verdadeiro, pois não temos certeza de onde vivia, de acordo com o historiador Pierre Vidal-Naquet:

Sete cidades da Grécia asiática, mais precisamente da Jônia e a Eólida, situadas na área que hoje abrange a costa da Turquia e algumas ilhas gregas das proximidades, disputavam a honra de lhe terem dado nascimento. (VIDAL; NAQUET, 2002, p. 13).

Em relação à composição dos poemas, há várias possibilidades. Uma delas afirma a fixação dos poemas bem cedo. Para outros, tal fixação não ocorreu antes de 560 a.C., quando Pisístrato decidiu realizar sua forma fixa.

Entre os fatores fundamentais para compreendermos a *Ilíada*, temos o religioso e o bélico, afinal, para os gregos, a guerra era um fato natural e inevitável, sendo assim, necessário verificar a primeira diferença: no mundo em que vivemos, a guerra não é aceita ideológica e moralmente, enquanto os gregos a viam como condição inerente ao funcionamento de sua sociedade. A guerra no período homérico era feita dos duelos individuais entre os guerreiros, sendo para eles a principal ocupação, objetivo singular na vida. Os nobres, os guerreiros, buscavam, na guerra, além do espólio que era dividido entre os heróis, ou seja, o *geras* (a recompensa de uma façanha, que

comporta uma realzeza efetiva, palavra-chave de todo o primeiro canto, dele depende o curso dos acontecimentos), a virtude e a honra.

Como observa Moses I. Finley, em relação à guerra na Antiguidade, devemos levar em conta a questão do lucro imediato e do lucro posterior. Os lucros imediatos estão ligados às pequenas expedições de saques e, principalmente, à captura de escravos, que, na antiga Grécia, sobretudo no período homérico, defrontamo-nos com dificuldades para identificá-los, especificamente, pelas diferentes designações presentes nos poemas. Um exemplo é o que nos mostra Claude Mossé:

A fim de indicar a qualidade daqueles que, além de trabalharem, se acham na dependência de outros, encontram-se aí diversas designações: ockeus, dmôs, drestes e, muitos em particular, amphipolos, todas elas usadas para denominar os servos. Parece não haver dúvidas de que estes termos tanto se aplicam a escravos propriamente ditos. (MOSSÉ, 1985, p. 64-65).

Apesar da diversidade de signos para representar os escravos, podemos observar, na *Iliada*, como as cativas são adquiridas, pois fazem parte do espólio. Um exemplo é Criseida, que Aquiles recebeu como parte de um espólio. Em relação aos escravos homens, Homero quase nada nos diz. É provável que o destino dos escravos era a morte ou sua inclusão no lote de resgate. Em contrapartida, na *Odisséia*, encontramos uma resposta para esta questão: o porqueiro Eumeu, que era filho de um rei, fora entregue a piratas fenícios por uma serva do seu pai, também ela de origem fenícia. O saque ocorria de forma desordenada.

O lucro posterior, por sua vez, estava relacionado às questões do imperialismo antigo, que não conhecia a prática do monopólio comercial, então o interesse estava relacionado com a terra e sua produção agrícola. Para Finley, as guerras antigas raramente ocorriam pelo comércio ou pela disputa

por mercado ou rota, mas, principalmente, pelo desejo de poder e engrandecimento individual.

Esse fator está intrinsecamente ligado à honra, que é, na *Ilíada*, exclusiva, hierárquica. Ora, se qualquer indivíduo atingisse igual honra, não haveria honra, pois todos estariam na mesma posição social. A *Ilíada* é obra competitiva, em que os heróis procuram superar a si mesmos e aos outros, pois eram guerreiros, e a honra estava no campo de batalha, lugar onde está o valor autêntico de um herói; sua vida está submetida a um campo de batalha.

A *Ilíada* comporta um sistema de valores cujos princípios correspondem aos de uma aristocracia guerreira, sendo as virtudes essenciais as que se revelam em combate quando o guerreiro pode ganhar a *Kleos*, a glória que o tornará imortal. Assim, sucumbir em combate representa a honra suprema.

A bela morte que espera o guerreiro, à qual ele deve a sua *Kleos*, deve acontecer durante sua juventude para que seja sempre juvenil e belo na memória dos homens. É o que acontece com Aquiles, Hector e Pátroclo, e é por estar ligado a esta eterna juventude que seus restos mortais são objeto de cuidados particulares.

Uma das maiores injúrias que se podem infligir ao inimigo é mutilar-lhe o cadáver. É como age Aquiles, ao prender o corpo de Hector ao seu carro, para, depois, levá-lo ao seu abrigo. Mas, o que faz Príamo recuperar o corpo de Hector é a *Kleos*, afinal, Hector representa para os troianos o que Aquiles representa para os gregos, ou seja, o exemplo acabado do herói guerreiro.

A beleza física, mantida por constantes cuidados e exemplificada pelo uso de óleos e unguentos, é um dos aspectos que caracteriza a moral guerreira. Obviamente, quando em combate, o guerreiro distingue-se, primeiro, por suas armas. Mas, em repouso, o que separa o

homem comum do herói é a beleza do seu corpo. Exemplar é a cena em que Príamo pergunta para Helena, do alto das montanhas, qual, entre os heróis aqueus, é aquele que se destaca em combate:

Dize, agora,
o nome desse Aqueu que aos outros se avanta,
mesmo aqueles que o excedam em altura. Não
vi outro assim tão belo e de tão nobre porte,
a ele similar. É um rei, tem de um rei figura.
(HOMERO, 2003, p. 69-71).

É esta procura pela beleza que nos permite observar, na *Ilíada*, cenas violentas. Nelas, a astúcia do herói na guerra às almas que lançou ao *Hades* é mérito que faz dele um herói de alta estirpe. Neste sentido, o primeiro canto da *Ilíada* fornece-nos um perfil de Aquiles, herói fundamental na guerra de Tróia:

A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles,
O irado desvario, que aos Aqueus tantas penas
trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades
de valentes, de heróis, espólios para os cães,
pasto de aves rapaces: fez-se a lei de Zeus;
desde que por primeiro a discórdia apartou
o Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles.
(HOMERO, 2002, p. 11).

Assim, é possível verificar que os guerreiros gregos nunca fugiam à guerra, por mais difícil que fosse a vitória. É como observamos na *Ilíada* quando o Atreide (Agamêmnon) percorre as tropas instigando-os:

O Atreide percorre
as tropas, exortando: “Sede homens, amigos,
ânimo forte, mutuamente ciosos da honra
no duro embate. A morte poupa mais aos bravos
que aos fujões: Nem socorro, nem glória a estes cabe”.
(HOMERO, 2002, p. 209).

Isso também ocorria entre os troianos, conforme observamos na *Ilíada*, no momento em que Héctor diz a Andrômeda que não irá fugir da guerra:

Senhora, a mim
também preocupam essas coisas. Mas seria
um desdouro terrível perante os Troianos
e as Troianas de longos peplos, se eu fugisse
da guerra, como um fraco, nem meu coração
o aceita, que aprendi a ser forte e lutar
à frente dos Troianos, por estima própria
e glória de meu pai. (HOMERO, 2002, p. 259).

Sendo a sociedade da época iletrada, as relações em sociedade deveriam ser materializadas. Assim, a coragem guerreira era comprovada por meio de troféus, ou seja, das armaduras dos inimigos vencidos.

A ética dos guerreiros homéricos era competitiva, os interesses individuais predominavam, e inexistia a idéia de nação, ou mesmo de unidade organizada com leis ou objetivos coletivos. Esse aspecto é importante, para demonstrar que a *Ilíada* é uma obra carregada de violência, com cenas sangrentas no decorrer das lutas, narradas com grande sofisticação e detalhes. Um exemplo disso é o momento em que as tropas se encontram:

Uns com outros se entrebatem
Os broqueis de metálico umbigo, estrondando.
Gemidos de vencidos, gritos de vitória
Misturam-se. A sangueira encharca o solo. Desde
o amanhecer, até que cresça o dia sagrado,
lanças golpeiam, de uma e de outra parte. (HOMERO,
2002, p. 297-299).

Lembremos que os primeiros livros a ser lidos pelas crianças gregas eram exatamente os poemas homéricos. Nesta atmosfera violenta, aprendia-se, cedo, a ver a guerra com naturalidade.

O fator religioso estava intimamente ligado à guerra; era não apenas normal, mas também comum e desejável que os guerreiros buscassem a proteção dos deuses antes das guerras e batalhas. A primeira coisa a ser feita era consultá-los sobre a possibilidade de vitória. Feito isso, antes de iniciar-se o combate, realizavam-se as últimas homenagens aos deuses, o que era de suma importância para a vitória, pois, assim, angariavam o apoio dos deuses: “Agamêmnon também, o rei, faz oferenda: um touro de cinco anos,

gordo, a Zeus potente Convida ao sacrifício os Panaqueus, os velhos chefes de toda a Grécia”. (HOMERO, 2002, p. 89-91).

Outro aspecto é a dimensão política. O regime de cidades-Estado contribuía para o contexto de guerra quase permanente, pois cada *pólis* sonhava com sua autonomia. A este respeito, Marcos Alvito afirma que:

Atenas por exemplo, no período que vai de 479 a 338 – isto é, do fim das guerras pérsicas até a derrota frente à Macedônia – nunca desfrutou de, pelo menos, uma década de paz ininterrupta: a média era de exatamente dois anos de guerra em cada três. (ALVITO, 1988, p. 17-18).

A guerra era um estado latente na Grécia, pois era um meio de obter riquezas, tais como, metais e escravos, produtos valiosos para a auto-suficiência, desejada pela aristocracia, o que se tornou possível com a revolução hoplítica, com o surgimento de soldados de infantaria pesadamente armados a lutar de forma coesa, unida e não mais individual, como nos tempos homéricos.

Em razão dessa necessidade, o exército grego, principalmente o espartano, era uma verdadeira máquina de guerra. Os homens eram divididos em grupos por idade, infantaria e cavalaria¹, o que se dava, geralmente, de

¹ Embora a posse de um cavalo fosse um sinal distinto de *status*, levando os aristocratas a importar animais, estes eram usados mais de forma social e esportiva, não obtendo grande valor na guerra, por vários motivos, entre eles, por não haver ainda a ferradura, podendo, assim, ferir os animais; outro motivo era a alimentação, pois os animais precisavam de água e forragem, o que não era abundante na Grécia. Nas regiões com amplas planícies férteis, como a *Tessália* ou a *Beócia*, onde havia efetivo regular de cavalaria, militarmente, os cavalos eram usados apenas para que os membros da aristocracia chegassem ao campo de batalha. Entre o fim da guerra do Peloponeso, em 404, e a ascensão de Alexandre, em 336, é que ocorreu uma revolução nas técnicas militares na Grécia, surgindo um exército integrado, em que as tropas de infantaria e cavalaria agem em conjunto, ou seja, no período helenístico. A divisão da história da Grécia, não é muito adequada, pois não podemos definir quando se inicia e termina um período histórico já que possuem interligação, e tal divisão é inconsistente. Empregamos, então uma, divisão simples: Arcaico até o século V a. C.; Clássico até Alexandre; Helenístico após este. A cavalaria era a força decisiva pelos avanços técnicos. (ALVITO, 1988, p. 33-34).

duas formas: a primeira estava relacionada às tribos, ou seja, por parentesco ou região; a segunda procurava distribuir, por igual, os grupos por idade em cada batalhão. Tal característica pode ser observada na *Ilíada*, em que as naus são organizadas por região, tribo ou parentesco:

Guneu de Cipos, vinte e duas naus. Eniênios
E aguerridos Perébios comandava: povos
da frígido-hipernosa região de Dodona,
das labras do aprazível Titaresco, flúmen
que leva ao rio Peneu, prata voraginosa,
águas de manso fluir, sem misturá-las, pois
sobrenadam, qual óleo; do ínfero Estige
manam, do rio da jura, ao perjurar aziago. (HOMERO,
2002, p. 111).

O entendimento da guerra antiga não pode ser separado da questão política e religiosa num mundo fundado na coação física dos trabalhadores, em que a violência era considerada “natural”. A sociedade grega estava voltada para a guerra, não havendo, assim, lugar para os covardes, ou seja, os *tresantes* (covardes na guerra) eram praticamente excluídos do corpo de cidadãos, não podiam participar das refeições para a cerimônia do culto da cidade, em honra às divindades protetoras. Esse fato é de suma importância na Grécia, pois pensava-se depender da sua realização para salvação da cidade. Nem em competições esportivas, eram religados a funções menores durante as cerimônias religiosas, possuíam poucos direitos e eram desmoralizados perante a sociedade, onde deveriam dar passagem aos cidadãos na rua e levantar-se quando sentados, mesmo para os mais jovens que eles (o que era grave, pois a sociedade grega era hierarquizada em grupos de idade). As mulheres de tal família dificilmente conseguiam casar-se.

Havia grande admiração pelos poetas: ler Homero era igualmente olhar o que há de melhor no pensamento humano. Ainda que nossas vidas guardem poucas semelhanças com a vida dos gregos das cidades-Estado, as reverberações do pensamento grego continuam presentes em muitas de nossas realizações, na arte, no teatro, na filosofia, na política.

Os conceitos clássicos, os motivos e os paradigmas que a civilização ocidental adotou como seus relacionam-se direta ou indiretamente com a cultura grega.

Conforme Jacynto Lins Brandão:

Uma obra clássica não é aquela que sustenta uma verdade absoluta e única e faz calar outros discursos, mas sim aquela que logra dizer de tal modo sua verdade que impulsiona o surgimento de novos discursos, tornando-se um ponto de referência em torno do qual se instaura o diálogo. (BRANDÃO, 1992, p. 41-42).

O que funda um clássico é a sua relação com outros textos no tempo, uma vez que ela não está jamais acabada. O clássico inaugura um tipo de discurso capaz de impulsionar e exigir novos discursos, ou seja, é um movimento de reatualização dos bens culturais recebidos do passado, é um diálogo constante com a tradição, pois esta não é um sistema de valor inerte, fixo, mas a ressignificação por meio de constantes movimentos de reatualização.

A voz de Homero não é a voz particular de um poeta, mas a voz de uma cultura, de uma sociedade, diferente da voz do Deus cristão apreendida como única e definitiva, logo inalterável. Enfim, nesse aspecto, consideramos Homero como o inaugurador da tradição épica da qual participamos. Falar dele corresponde a tentar demonstrar, em palavras, o que vem a ser o momento inaugural da nossa literatura.

Referências

ALVITO, Marcos. *A guerra na Grécia antiga*. São Paulo: Ática, 1988.

APPEL, Myrna Bier; GOETTEMS, Miriam Barcellos (Org). *As formas do épico: da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 1992.

BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições Indo-Européias: poder, direito, religião*. Tradução de Denize Bottmann. Campinas: UNICAMP, 1995. v. 2.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. São Paulo: 34, 2003.

FINLEY, M. I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1988.

GADAMER, Hans-George. *Verdade e Método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. v. 1.

GADAMER, Hans-George. *O problema da consciência histórica*. Tradução Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HOMERO. *Iliada*. 4. ed. Tradução Haroldo de Campos; Introdução e organização Trajano Viera. São Paulo: ARX, 2003.

JAEGER, Werner. *Paidéia: A formação do homem grego*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001.

MOSSÉ, Claude. *A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1984.

RAGO, Margareth. GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (Org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas, SP: UNICAMP; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

SCHÜLER, Donaldo. *A construção da Ilíada*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SNELL, Bruno. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia das letras, 2002.

